

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

## A loucura como produção e construção sociais [Madness as social production and construction]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-30 06:10:39
Link to Item	<a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/159853">http://hdl.handle.net/20.500.12424/159853</a>

cault negaria a doença mental como fato médico. Seu olhar sobre a loucura aparece a estes dois psiquiatras como uma doutrina niilista que coloca deliberadamente em questão certos valores fundamentais: o da verdade, do progresso e da razão.

Sobretudo, o objetivo comum a estes grupos de contestação e à abordagem de Foucault é de tentar produzir efeitos políticos sob a forma de mudanças nas práticas. Para o GIA trata-se de fazer sair do “HP” todos aqueles que têm o mínimo de possibilidade de sobreviver no exterior. Para Psy en lutte, e como o havia feito antes o GIP, de informar os pacientes sobre os riscos de alguns tratamentos como a quimioterapia, mas também sobre os tratamentos, às vezes violentos, contra o alcoolismo. Uma denúncia que somente pode passar pela coleta de testemunhos de psicanalistas sobre os efeitos provocados pelos medicamentos, mas também pela coleta da informação do profissional da saúde. Na edição n.13-14 de Psy en lutte, a revista batalha por um “controle coletivo e permanente dos tratamentos, o conhecimento pelo interessado do tratamento aplicado e efeitos secundários eventuais. O direito de recusar um medicamento, o direito de ser informado, de estar em posse de uma receita clara em escrita não cifrada, a abolição dos tratamentos irreversíveis”. Como finalmente, mudar as condições de vida dos internos no próprio hospital, restituindo-lhes, no mínimo, os direitos que eles haviam perdido na entrada? Como, também, fazer penetrar mais do mundo exterior no interior da instituição e, em retorno, como fazer cruzar os muros do hospício para penetrar mais nos espaços públicos?

Tornando, pela primeira vez, a prática psiquiátrica duvidosa, mostrando como ela não tem objeto estável, a originalidade do uso de Foucault no centro dos movimentos de contestação, movimentos que nunca conseguiram se federar ou iniciar uma luta global contra o sistema, reside então menos no reemprego do conteúdo de suas teorias do que na capacidade que estas revistas tinham, então, de mobilizar este autor, segundo as urgências da prática.

## A loucura como produção e construção sociais

Apenas a partir do século XIX é que a loucura se tornou um fato científico e médico, situa o filósofo Guilherme Branco. Ele recupera a provocação de Foucault segundo a qual, em nosso tempo, a política “funciona nos mesmos moldes dos hospitais psiquiátricos”

POR MÁRCIA JUNGES

**A** loucura ou o louco não existem como entidades fixas ou determinadas para sempre. “Na verdade, enquanto produção social, histórica, e do saber-poder, a loucura é uma produção, uma construção, com efeitos opressivos que se dão depois, no tempo da internação, que para muitos é um caminho sem volta”. A reflexão é do filósofo Guilherme Branco em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. De acordo com o pesquisador, a loucura “não é um fato científico e médico; mas passou a sê-lo apenas no século XIX”. Assim, não se pode dizer que *História da loucura* foi uma tentativa de denunciar a medicina ou libertar as vítimas do encarceramento psiquiátrico. Questionado se a sanidade e loucura eram construções sociais dos “saudáveis” sobre os “dementes”, Branco provoca: O mundo político, na atualidade, disse Foucault certa vez, “funciona nos moldes dos hospitais psiquiátricos”.

Guilherme Branco leciona no Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Graduado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, é especialista em Filosofia pela Universidade Gama Filho - UGF e mestre em Filosofia pela UFRJ, onde cursou doutorado em Comunicação com a tese *Ontologia e psicanálise em Jacques Lacan. De sua produção bibliográfica destacamos Retratos de Foucault* (Rio de Janeiro: NAU Editora, 2000) e *O Olhar e o Amor. A Ontologia da Lacan* (Paulo de Frontin: NAU Editora, 1995). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - História da loucura pode ser lida como uma obra “em luta” pela autonomia do sujeito marcado pelo estigma da loucura? Por quê?**

**Guilherme Branco** - Quando foi escrito, o livro *História da loucura* tinha como contexto as diferentes modalidades de percepção sobre o que era a loucura, nos últimos quatro séculos no Ocidente. A loucura, mostra Foucault, não é um fato científico e médico; mas passou a sê-lo apenas

no século XIX. Ainda, não era seu objetivo denunciar a medicina ou libertar as vítimas do encarceramento psiquiátrico. Tanto que o livro termina descrevendo o que se passava no século XIX. O que não impediu que os leitores do livro não se sensibilizassem com esta percepção de que não existe necessariamente esta forma de loucura submetida à medicalização e ao afastamento social, e procurassem desfazer as práticas opressivas que foram desenvolvidas desde então,

dois séculos antes de nós.

**IHU On-Line - Em que medida podemos dizer que a loucura é uma experiência originária humana, recalçada pela pressão social e pelo biopoder?**

**Guilherme Branco** - Talvez o que Michel Foucault tenha tentado descrever em *História da loucura* é que não existe “a loucura ou o louco” como coisas fixas e para sempre determinadas. Na verdade, enquanto produção social, histórica e do saber-poder, a loucura é uma produção, uma construção, com efeitos opressivos que se dão depois, no tempo da internação, que para muitos é um caminho sem volta.

**IHU On-Line - Nessa lógica, a loucura deveria ser tratada pela escuta, pelo diálogo, e não por meios coercitivos?**

**Guilherme Branco** - Não tenho condições de responder à questão, pois sou professor de Filosofia. Mas não posso deixar de ser simpático a um novo mundo, mais receptivo, do que a uma instituição psiquiátrica (ou processo terapêutico) receptiva (o). Prefiro um mundo livre a uma instituição que se diz tolerante.

**IHU On-Line - Hegel<sup>1</sup> afirmou que a loucura não seria a perda abstrata da razão: “A loucura é um simples de-**

<sup>1</sup> Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no século XX. Sobre Hegel, confira a edição nº 217 da IHU On-Line, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito*, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007), em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. O material está disponível em <http://migre.me/ZAON>. Sobre Hegel, leia, ainda, a edição 261 da IHU On-Line, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://migre.me/ZAQX>. (Nota da IHU On-Line)

**“Nunca devemos esquecer que foram grandes competências técnicas que idealizaram, construíram e fizeram e ainda fazem funcionar as diferentes modalidades de campos de extermínio, antes e agora”**

sarranjo, uma simples contradição no interior da razão, que continua presente”. Como podemos compreender essa concepção de loucura face aos métodos tradicionais de tratamento e “cura”?

**Guilherme Branco** - Alguém realmente deseja curar? Quem é o curador? Um juiz, um psiquiatra, uma assistente social, um psicólogo, um pai de santo, um pastor, quem afinal, é que cura? O que significa “curar”? Quem deseja ser curado, e qual é o sentido de cura para os pacientes (o termo é bom!) deste processo? Um band-aid é um curativo, não?

**IHU On-Line - Sob quais aspectos sanidade e loucura são construções sociais que demonstram o poder dos “saudáveis” sobre os “dementes”?**

**Guilherme Branco** - O mundo político, na atualidade, disse Foucault certa vez, funciona nos moldes dos hospitais psiquiátricos. A afirmação foi feita numa das vindas de Foucault ao Brasil, quando permitiu que a Revista Manchete (que hoje seria a *Caras*) publicasse um pequeno texto com o sugestivo título O

*mundo é um grande hospício*. A publicação ocorreu em 16 de junho de 1973. O texto, no *Dits et écrits*, tem o número 126. Cito: “Hoje, o mundo está em vias de evoluir para um modelo hospitalar, e o governo adquire uma função terapêutica” (*Dits et écrits*, vol II, 19994, p. 433). “O mundo é um grande hospício no qual os governantes são psicólogos, e o povo, os pacientes” (p. 434).

O que está em jogo neste modelo político-terapêutico? A adequação das pessoas ao padrão de desenvolvimento social. Assim, em muitos países, assistentes sociais ensinam as famílias a adequar seus orçamentos domésticos; terapeutas ensinam pessoas a não se deixarem levar pela compulsão ao consumo; pedagogos e economistas tornam-se obcecados pela questão da mão de obra qualificada, médicos ensinam cuidados com a saúde, e por aí vai. Neste gigantesco “hospital”, as pessoas são incitadas a viverem segundo um certo padrão de normalidade, de saúde, de “comportamento”.

**IHU On-Line - Como podemos compreender que a experiência da loucura foi “confiscada” pela razão? O que isso demonstra sobre o biopoder ao qual somos submetidos?**

**Guilherme Branco** - Vivemos em um mundo no qual a razão tende a excessos, em nome da ciência, da técnica, malgrado as vantagens trazidas pelas construções e invenções da técnica e do conhecimento em geral. Nem todos os efeitos da ciência e da técnica são negativos. Muita coisa boa veio disto. Mas nunca devemos esquecer que foram grandes competências técnicas que idealizaram, construíram e fizeram e ainda fazem funcionar as diferentes modalidades de campos de extermínio, antes e agora. Por extensão, temos que visualizar os malefícios produzidos pela racionalidade ocidental, e não nos iludirmos quanto a seus efeitos.

[www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)